

# O mistério da Imaculada Conceição no Pensamento de Papa João Paulo II

## Resumo

*O ano de 2008 assinala o sesquicentenário das aparições de Nossa Senhora em Lourdes. Aí, em 25 de março de 1858, festa da Anunciação, a Bem Aventurada Virgem Maria definiu a Si mesma como a “Imaculada Conceição”. É interessante observar que as aparições de Lourdes não ocorreram antes, mas depois da definição do dogma. Qual poderia ter sido a razão para isso? Certamente, Maria revelou-se em Lourdes não somente para confirmar a definição, mas para indicar as implicações práticas deste mistério para a vida da Igreja e para nossa própria vida. Infelizmente, muitos católicos, mesmo aqueles engajados na missão pastoral da Igreja, não têm senão um conhecimento parcial e insuficiente do mistério da Imaculada Conceição de Maria. Foi o desejo do servo de Deus, o Papa João Paulo II que “o dogma da Imaculada .... seja sempre e ulteriormente aprofundado nos seus aspectos bíblicos, espirituais e culturais, a fim de poder ser, depois, anunciado ao homem contemporâneo mediante iniciativas pastorais apropriadas”<sup>1</sup>.*

*Este é, precisamente, o objetivo deste estudo: refletir sobre os aspectos bíblicos, espirituais e culturais desse dogma, “em ordem a comunicar aos homens e às mulheres do nosso tempo o sentido e a mensagem mais autênticos desta verdade de fé”<sup>2</sup>. Quem melhor do que o Servo de Deus, o Papa João Paulo II, para nos ajudar neste esforço? Desde o início de seu pontificado, ele apresentou o mistério da Imaculada de uma forma que fala ao coração dos homens e mulheres do nosso tempo. Enquanto nos séculos passados a teologia dogmática católica tinha expressado esta verdade de fé, por vezes, de um modo um tanto abstrato, João Paulo II prefere falar de Maria de um modo pessoal e concreto. Assim, o sentido espiritual, histórico e cultural envolvido na doutrina da Imaculada Conceição se aviva para nós hoje.*

---

<sup>1</sup> Discurso (25 de março de 1994), 2 e 3, em: *L'Osservatore Romano. Edição semanal em português* (= ORP), (9 de abril de 1994), 4.

<sup>2</sup> Discurso (29 de outubro de 2002), 4: ORP (9 de novembro de 2002), 5.

*O autor observa que para João Paulo II a Mariologia não é uma “campo marginal” da Teologia, mas antes o “lugar de encontro” das grandes verdades da fé cristã onde todas as linhas convergem. Particularmente, o dogma da Imaculada Conceição é - segundo ele - uma maravilhosa síntese doutrinal da fé cristã. Com efeito, João Paulo II contempla esta verdade da fé como expressão do mistério Trinitário: Na Imaculada Conceição “se manifestam, de maneira singular, a iniciativa admirável do Pai, a ação santificante do Espírito Santo e a perfeita redenção operada por Cristo”<sup>3</sup>. Por isso, na sua apresentação o autor segue um esquema Trinitário.*

*Eternamente escolhida por Deus Pai no seu Filho bem-amado, a Imaculada é a criatura perfeita que Deus, pela gratuidade do seu amor, cumulou com a plenitude da graça. “Nela, tudo é pura graça e só graça (‘sola gratia’).”<sup>4</sup> Remida de maneira excepcional, ela é o fruto mais excelente da obra redentora de Cristo. No entanto, o privilégio da sua imaculada concepção tem por finalidade de capacitá-la de responder com a perfeita liberdade do amor, não manchado pelo pecado, ao amor de Deus. Assim à plenitude da graça corresponde a plenitude da fé na vida de Maria e a sua perfeita dedicação à Pessoa e missão do seu Filho. Plasmada pelo Espírito Santo e feita uma nova criatura, Maria é toda bela e santa, o início da nova humanidade e da Igreja como esposa santa e imaculada de Cristo.*

*Em resumo, este estudo apresenta o significado eclesial e espiritual do mistério da Imaculada Conceição haurindo do riquíssimo magistério de João Paulo II.*

### **Summary**

*The year 2008 marks the 150<sup>th</sup> anniversary of the apparitions of Our Lady in Lourdes. There, on March 25, 1858, the feast of the Annunciation, the Blessed Virgin Mary defined herself as the “Immaculate Conception”. It is interesting to note that the apparitions of Our Lady in Lourdes occurred, not before, but after*

---

<sup>3</sup> Carta ao Presidente do comité central para o ano mariano no 22 de maio de 1988: *ORP* (5 de junho de 1988), 2.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

*the definition of the dogma. What might be the reason for that? Certainly, Mary revealed herself in Lourdes as the Immaculate not merely to confirm the definition, but to indicate the practical implications of this mystery for the life of the Church and that of each one of us. Unfortunately, many Catholics, even those actively involved in the Church's pastoral mission, have only a superficial or insufficient knowledge of the mystery of Mary's Immaculate Conception. Very few know how to apply this dogma of faith to their daily Christian living. Pope John Paul II rightly declared that the dogma of the Immaculate Conception "must be further studied in its biblical, spiritual and cultural aspects, in order to be proclaimed to contemporary man through appropriate pastoral initiatives"<sup>5</sup>.*

*This is precisely the purpose of this study: to reflect on the biblical, spiritual and cultural aspects of this dogma so as "to communicate to the men and women of our time the meaning and the genuine message of this truth of faith"<sup>6</sup>. Who better than the servant of God, Pope John Paul II, can help us in this endeavor? Since the beginning of his pontificate, he presented the mystery of the Immaculate in a way that speaks to the heart of men and women of our time. We are fortunate that in the more than 25 years of his pontificate he has pronounced a great number of homilies, addresses and prayers in which he provided the Church with his deep and original insights on this mystery. It is from this rich mariological output that the author draws from in presenting John Paul II's thought on the Immaculate Conception.*

*Contrary to some contemporary theologians who have referred to mariological doctrine as "lower in the hierarchy of truth" and therefore "secondary", John Paul II considers Mariology the meeting point of the great fundamental Christian truths. He declares "that the dogma of the Immaculate Conception is a marvelous doctrinal synthesis of the Christian faith"<sup>7</sup>. In fact, there is a profound link of the mystery of the Immaculate Conception with the mystery of Christ and the Church, especially with the mystery*

---

<sup>5</sup> Address to the Academy of the Immaculate on March 25, 1994, in: *L'Osservatore Romano. Weekly edition in English* (= ORE), (20 April, 1994), 3.

<sup>6</sup> Address to the Pontifical Academies on Oct. 29, 2002: ORE (November 13, 2002), 5.

<sup>7</sup> Angelus on December 8, 1988: ORE (December 19-26, 1988), 4.

*that is the very foundation of all other mysteries: the mystery of the Most Holy Trinity.*

*“How sublime an act of the Most Holy Trinity is the Immaculate Conception of the Mother of the Redeemer!”<sup>8</sup> exclaims John Paul II. Truly, Mary Immaculate is the “master piece” of God’s Trinitarian love, the most beautiful and perfect manifestation of that “love” whose original source is God himself, one and triune. In her Immaculate Conception “is manifested in a unique way the marvelous initiative of the Father, the sanctifying action of the Spirit and the perfect redemption accomplished by Christ”<sup>9</sup>. The author presents, therefore, the mystery of the Immaculate Conception in the Trinitarian perspective of salvation history:*

*– Chosen from all eternity in Christ, she was first conceived in the heart of the Father as the perfect creature, totally formed by God’s love in view of her role as Mother of God.*

*– Through the eternal Son made Man, the order of creation was linked for ever with that of redemption, that is, grace. Our Lady, totally preserved from the slavery of evil and the object of God’s special favor, anticipates in her life the path to be taken by the redeemed, the people saved by Christ. Mary is the first-fruits of humanity redeemed by Christ, the masterpiece of his saving work.*

*– Fashioned by the Holy Spirit and made a new creature, Mary is “All fair”, “All holy”. The “fullness of grace”, which is her starting point, for all others is the goal. For, as St. Paul says, we, too, are created to be holy and blameless before God (cf. Eph 1:4).*

*The mystery of the Immaculate Conception means that in Mary everything is grace from the first moment of her existence and that she corresponds to God’s gift with the absolute freedom of love, not stained by sin. Since God’s grace is at one and the same time gift and duty, it demands man’s free cooperation at the example of Mary who perfectly cooperated with God’s plan of salvation. In her we see the great things God accomplishes when one renders oneself humbly available to doing his will. She is a marvelous sign*

---

<sup>8</sup> Homily on December 8, 2004: *ORE* (December 15, 2004), 3.

<sup>9</sup> Letter on the occasion of the international convention on “Redemptoris Mater” dated May 22, 1988, *Insegnamenti* Vol. XI/2 (1988) 1630-1634.

*of the victory of life over death, of love over sin, of the power of God's grace over human weakness.*

*In summary, this study presents the ecclesial and spiritual meaning of the mystery of the Immaculate Conception drawing from and synthesizing the extremely rich Magisterium of John Paul II.*

\* \* \*

## I. Introdução

O ano de 2008 assinala o sesquicentenário das aparições de Nossa Senhora em Lourdes. Aí, em 25 de março de 1858, festa da Anunciação, a Bem Aventurada Virgem Maria definiu a Si mesma como a “Imaculada Conceição”. Pode-se perguntar qual é o significado deste nome de Maria. Haveria alguma relação entre a saudação do anjo, que a chamou “*kecharitomene*” (cheia de graça) e sua auto-definição em Lourdes? O Papa João Paulo II explica assim:

Quando porém Bernadette lhe perguntou o nome, ela não respondeu “Maria”, mas “Que soy era Immaculada Councepciou”, “Eu sou a Imaculada Conceição”. Assim, em Lourdes, ela chamou-se com o nome que Deus lhe dera de toda a eternidade; sim, de toda a eternidade, a escolheu com este nome e destinou-a a ser a Mãe de seu Filho, o Verbo eterno. Este nome, “Imaculada Conceição”, é afinal bem mais profundo e bem mais importante que aquele que usavam os seus pais ou as pessoas do seu conhecimento.<sup>10</sup>

Quatro anos antes que Nossa Senhora aparecesse em Lourdes, em 8 de dezembro de 1854, a Imaculada Conceição de Maria havia sido solenemente proclamada como dogma de fé. A fórmula dogmática era:

A Santíssima Virgem Maria, no instante mesmo de sua Conceção, por uma graça singular e privilégio concedido pelo Deus Todo Poderoso, em previsão dos méritos de Jesus Cristo, o Salvador do gênero humano, foi preservada da mancha do pecado original. (*DS* 2803)

É interessante observar que as aparições de Lourdes não ocorreram antes, mas depois da definição do dogma. Qual poderia ter sido a razão para isso? Certamente, Maria revelou-se em Lourdes não somente para confirmar a definição, mas para indicar as implicações práticas deste mis-

---

<sup>10</sup> Homilia (10 de fevereiro de 1979): *ORP* (18 de fevereiro 1979), 2.

tério para a vida da Igreja e para nossa própria vida. Infelizmente, muitos católicos, mesmo aqueles engajados na missão pastoral da Igreja, não têm senão um conhecimento parcial e insuficiente do mistério da Imaculada Conceição de Maria. Poucos sabem como aplicar este dogma de fé em sua vida cristã cotidiana. Em vista disso, o Papa João Paulo II observou:

O mundo atual, em que se manifestam com freqüência cada vez maior os sinais de dissolução da ordem moral, põe em evidência a crescente necessidade de uma humanidade autêntica, que leve à verdadeira santidade. Estes são os valores fundamentais que resplandecem de modo eminente na Imaculada Conceição de Maria. (...)

O dogma da Imaculada, testemunhado na história da Igreja por uma longa tradição e definido com um solene ato do Magistério por parte do meu predecessor, o Papa Pio IX, a 8 de dezembro de 1854, propõe novamente ao homem do nosso tempo o ideal de humanidade previsto no desígnio de Deus. Por isso *é necessário que este dogma seja sempre e ulteriormente aprofundado nos seus aspectos bíblicos, espirituais e culturais, a fim de poder ser, depois, anunciado ao homem contemporâneo mediante iniciativas pastorais apropriadas.*<sup>11</sup>

Este é, precisamente, o objetivo deste estudo: refletir sobre os aspectos bíblicos, espirituais e culturais desse dogma, *“em ordem a comunicar aos homens e às mulheres do nosso tempo o sentido e a mensagem mais autênticos desta verdade de fé”*<sup>12</sup>. Quem melhor do que o Servo de Deus, o Papa João Paulo II, para nos ajudar neste esforço? Desde o início de seu pontificado, ele apresentou o mistério da Imaculada de uma forma que fala ao coração dos homens e mulheres do nosso tempo. Enquanto nos séculos passados a teologia dogmática católica tinha expressado esta verdade de fé, por vezes, de um modo um tanto abstrato, João Paulo II prefere falar de Maria de um modo pessoal e concreto. Assim, o sentido espiritual, histórico e cultural envolvido na doutrina da Imaculada Conceição se aviva para nós hoje.

Felizmente João Paulo II, nos mais de 25 anos do seu pontificado, pronunciou um sem número de homilias, discursos e orações, pelos quais enriqueceu a Igreja com suas profundas e originais intuições sobre este mistério.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Discurso (25 de março de 1994), 2 e 3: *ORP* (9 de abril de 1994), 4.

<sup>12</sup> Discurso (29 de outubro de 2002), 4: *ORP* (9 de novembro de 2002), 5.

<sup>13</sup> Dentre as séries de catequeses marianas, o Papa dedica as seguintes audiências gerais em 1996 ao mistério da Imaculada Conceição: 24 de janeiro, 8, 15 e 29 de maio,

É desta rica produção mariológica deste grande Papa que haurimos para apresentar o seu pensamento sobre a Imaculada Conceição.

## II. O dogma da Imaculada Conceição: Uma maravilhosa síntese doutrinal da Fé cristã

Alguns teólogos contemporâneos têm-se referido à doutrina mariológica como objeto de “menor valor na hierarquia da verdade” e por isso, “secundária”.<sup>14</sup> Para João Paulo II, ao contrário, a mariologia é o ponto de encontro das grandes verdades cristãs fundamentais, para onde todas as linhas convergem e as conexões são estabelecidas. A teologia trinitária, a cristologia, soteriologia, ecclesiologia, antropologia, teologia espiritual, tudo toca na mariologia. Seguindo as pegadas de São Maximiliano Kolbe que viu a íntima conexão entre o mistério da Imaculada e os outros mistérios da nossa fé, e desejou, por esta razão, escrever um livro de teologia dogmática “*sub luce Immaculatae*” (à luz da Imaculada),<sup>15</sup> João Paulo II também vê a centralidade desse mistério. Declara ele que “o dogma da Imaculada Conceição pode-se dizer *uma maravilhosa síntese doutrinal da fé cristã*”<sup>16</sup>. De fato, esta doutrina projeta nova luz sobre as verdades fundamentais da fé, mostrando novas conexões e fortalecendo a coerência da fé cristã.

João Paulo II enfatiza o liame profundo que há entre a Imaculada Conceição e o mistério de Cristo e da Igreja, e com o mistério que fundamenta todos os mistérios da fé: *o da Santíssima Trindade*. De fato, Maria Imaculada reflete o mistério das Três Pessoas Divinas e sua ação na história:

A Imaculada convida-nos a não determos o nosso olhar sobre ela e a ir além, penetrando na medida do possível *o mistério em que foi concebida, isto é, o mistério de Deus Uno e Trino, repleto de graça e de fidelidade*.<sup>17</sup>

---

5, 12 e 19 de junho, e 3 de julho, publicadas no livro: JOÃO PAULO II, *A Virgem Maria. 58 Catequeses do Papa sobre Nossa Senhora*, Editora Cleofas, Lorena 2001.

<sup>14</sup> Cf. John MACQUARRIE, *Immaculate Conception*, in: Albert STACPOLE (ed.), *Mary's place in Christian dialogue*, St. Pauls Publications, Middlegreen 1982, 98-107.

<sup>15</sup> Cf. James CURRY, *The Mariology of Maximilian Kolbe*, in: *Marian Studies* 36 (1985) 81-97.

<sup>16</sup> Angelus (8 de dezembro de 1988), 2: *ORP* (11 de dezembro de 1988), 1.

<sup>17</sup> Angelus (8 de dezembro de 2001), 2: *ORP* (15 de dezembro de 2001), 7.

Ela, “de modo excelso nasceu de Deus: do seio da Santíssima Trindade. Ela é ‘aparentada’ espiritualmente com Deus mesmo.”<sup>18</sup> Ao saudar a Maria como *cheia de graça*, a Igreja “saúda-a *unida de modo singular à Santíssima Trindade...*”<sup>19</sup>. Esta saudação realça quão profundamente está Maria imbuída da vida divina, com seu profundo e inefável mistério desde o momento mesmo de sua concepção:<sup>20</sup>

*Cheia de graça*: Ela está repleta do Pai e do Filho e do Espírito Santo quando se dão a Ela como um só Deus – o Deus da criação e da revelação, o Deus da Aliança e da Redenção, o Deus do princípio e do fim. O Alfa e o Ômega. O Deus-Verdade. O Deus-Amor. O Deus-Graça. O Deus-Santidade.<sup>21</sup>

Como nenhuma outra criatura, Maria Imaculada é “a morada da Santíssima Trindade”<sup>22</sup>. Ao visitar Lourdes na comemoração do sesquicentário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, João Paulo II enfatizou uma vez mais que, desde o primeiro momento de sua existência, Maria é “o espaço de amor e de ação das Pessoas da Trindade”<sup>23</sup>:

Desejei ardentemente realizar esta peregrinação a Lourdes, para recordar um acontecimento que *continua a glorificar a Trindade uma e indivisa*. A Imaculada Conceição de Maria constitui o  *sinal do amor gratuito do Pai, a expressão perfeita da Redenção levada a cabo pelo Filho, o ponto de partida de uma vida totalmente disponível à ação do Espírito*.<sup>24</sup>

“A Imaculada Conceição da Mãe do redentor é uma obra sublime da Santíssima Trindade.”<sup>25</sup> Verdadeiramente, Maria Imaculada é a obra-prima do amor trinitário de Deus, a mais bela e perfeita manifestação daquele amor cuja fonte original é Deus mesmo, uno e trino. Em sua Imaculada Conceição, “se manifestam, de maneira singular, *a iniciativa admirável do Pai, a ação santificante do Espírito e a redenção perfeita operada por Cristo*”<sup>26</sup>. É por isso que este mistério do amor divino “nos introduz no

---

<sup>18</sup> Homilia (8 de dezembro de 1984), 4: *ORP* (16 de dezembro de 1984), 3.

<sup>19</sup> Meditação (8 de dezembro de 1996): *ORP* (14 de dezembro de 1996), 2.

<sup>20</sup> Cf. Oração (8 de dezembro de 1997), 3: *ORP* (13 de dezembro de 1997), 1.

<sup>21</sup> Homilia (15 de agosto de 1983), 1: *ORP* (21 de agosto de 1983), 6.

<sup>22</sup> Cf. Oração (8 de dezembro de 1997), 1: *ORP* (13 de dezembro de 1997), 1.

<sup>23</sup> Discurso (13 de outubro de 2000), 3: *ORP* (21 de outubro de 2000), 3.

<sup>24</sup> Homilia (15 de agosto de 2004), 1: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>25</sup> Homilia (8 de dezembro de 2004), 5: *ORP* (11 de dezembro de 2004), 7.

<sup>26</sup> Carta (22 de maio de 1988), 3: *ORP* (5 de junho de 1988), 2.

*âmago do mistério da criação e da redenção*<sup>27</sup>. Ele é o “ponto decisivo na história da salvação”<sup>28</sup>

que inicia com a criação do universo e dos primeiros pais, passa através do pecado da rebelião deles a Deus e do conseqüente envolvimento da humanidade inteira neste pecado, e culmina na obra da redenção, cujos frutos se derramam por meio do Espírito sobre todos os crentes, até ao retorno glorioso de Cristo. A Imaculada Conceição, portanto, para além da vicissitude singular de Maria, diz respeito à Igreja inteira e convida todos nós a refletirmos profundamente sobre a vontade criadora e redentora de Deus.<sup>29</sup>

“Como é grandioso o mistério da Imaculada Conceição”, exclama João Paulo II. “Mistério que não cessa de atrair a *contemplação dos fiéis* e inspira a *reflexão dos teólogos*.”<sup>30</sup> Contemplemos, portanto, o mistério da Imaculada Conceição com o coração humilde e nele refletamos com a mente iluminada pela fé. Guiados por João Paulo II, consideremo-lo na perspectiva trinitária da história da salvação em relação a:

- Deus Pai Criador, que nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo para sermos santos e imaculados perante Ele (cf. *Ef* 1,4);
- Deus Filho, que assumiu nossa natureza humana para nos redimir;  
e
- Deus Espírito Santo, que completa a obra do Pai e do Filho por sua ação santificadora.

### **III. Filha predileta de Deus Pai: A “origem” da Imaculada no Coração do Pai**

Quando refletimos sobre a questão teológica da Imaculada Conceição de Maria, não nos fixamos no modo pelo qual Maria foi biologicamente concebida. A definição de Pio XI prescinde de explicações sobre como a alma foi infundida no corpo, e atribui à pessoa de Maria, desde o primeiro momento da sua existência, o fato dela ter sido concebida sem a mancha do pecado original. De fato, teologicamente falando, concepção se refere ao vir a existir de uma pessoa. Uma vez que a primordial origem de uma pessoa é Deus, e portanto, remontando infinitamente para além de sua

---

<sup>27</sup> Discurso (11 de fevereiro de 2004), 2: *ORP* (14 de fevereiro de 2004), 3.

<sup>28</sup> Homilia (8 de dezembro de 1978), 2: *ORP* (17 de dezembro de 1978), 1.

<sup>29</sup> *Angelus* (8 de dezembro de 1991), 2: *ORP* (15 de dezembro de 1991), 1.

<sup>30</sup> Homilia (8 de dezembro de 2004), 2: *ORP* (11 de dezembro de 2004), 7.

origem no tempo, João Paulo II enfatiza que a solenidade da Imaculada Conceição é

Aquele momento em que o fixar o olhar da Igreja em Maria chega mais longe, não só ao “início” mesmo da sua existência na terra, mas também ao “início” da história do homem e da história da salvação. Melhor, ainda mais longe: *ao eterno divino Pensamento e Amor, em que Maria foi concebida primeiro, infinitamente primeiro do que se desse sua Conceição na terra.*<sup>31</sup>

Por esta razão, antes de considerarmos a concepção de Maria no seio de sua mãe, havemos de considerar sua concepção na mente de Deus. Esta é sua originária concepção, sua concepção na eternidade dos desígnios salvíficos de Deus.

### ***“Abençoados em Cristo com toda bênção espiritual” (cf. Ef 1,3)***

Na carta aos Efésios, diz São Paulo: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que lá dos céus nos encheu com toda espécie de bênçãos espirituais em Cristo. Foi assim que n’Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, a fim de sermos, na caridade, santos e irrepreensíveis diante d’Ele.” (Ef 1,3-4)

Estas palavras – explica João Paulo II – de modo particular e excepcional referem-se a Maria. Ela de fato, mais do que todos os homens – e mais do que os Anjos – “foi escolhida em Cristo antes da criação do mundo”, porque de modo único e irrepitível, foi escolhida para Cristo, foi a Ele destinada para ser Mãe.<sup>32</sup>

Este grande mistério mariano com o qual se inicia na história a redenção do homem, está já previsto naquele eterno projeto de Deus Pai, no qual Maria, preservada imune do pecado original em vista dos méritos de Cristo, é predestinada a tornar-se no tempo a digna mãe do mesmo Salvador.<sup>33</sup>

Sim. O Pai Eterno escolheu Maria em Cristo; escolheu-a para Cristo. Fê-la santa, ou melhor, santíssima. E o primeiro fruto desta escolha e vocação divina foi a Imaculada Conceição. Esta é a sua “origem” no eterno Pensamento de Deus: no Verbo Eterno; e esta é também sua origem na terra. O seu nascimento. O nascimento *no esplendor* da Imaculada Conceição.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> Angelus (8 de dezembro de 1980), 1: *ORP* (14 de dezembro de 1980), 3.

<sup>32</sup> Homília (8 de dezembro de 1980), 3: *ORP* (21 de dezembro de 1980), 3.

<sup>33</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1983), 1: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

<sup>34</sup> Homília (8 de dezembro de 1983), 4: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

Não foi apenas a Virgem Maria que encontrou sua origem no eterno pensamento de Deus, mas todos nós fomos concebidos, por assim dizer, no coração amante do Pai, que nos escolheu em Seu Filho antes da fundação do mundo. Assim sendo, a Imaculada Conceição de Maria projeta luz no mistério da eleição e predestinação tal como ele afeta todo o gênero humano:

Deus, no seu eterno amor, escolheu desde toda a eternidade o homem: escolheu-o no seu Filho. Deus escolheu o homem, a fim de que possa atingir a plenitude do bem, mediante a participação na sua mesma vida: Vida Divina, por meio da graça. Escolheu-o desde a eternidade e irreversivelmente. Nem o pecado original, nem toda a história das culpas pessoais e dos pecados sociais puderam dissuadir o Eterno Pai deste seu plano de amor. Não puderam anular a escolha de nós no Eterno Filho, Verbo consubstancial ao Pai.<sup>35</sup>

Como Imaculada Conceição, ela trouxe em si, mais do que qualquer outro ser humano, o mistério daquele eterno destino divino com o qual o homem foi abraçado no Filho dileto de Deus:

- o destino à Graça e à santidade da Filiação Divina,
- o destino à glória no Deus da infinita majestade.<sup>36</sup>

Se todos foram chamados a ser “filhos no Seu Filho” (cf. *Ef* 1,5), isto vale de maneira singular para aquela, que, dotada que foi de uma particular santidade desde o primeiro momento de sua existência, é a “filha predileta” (*Lumen Gentium*, 53) do Pai.<sup>37</sup> Na alma de Maria “se manifestou em certo sentido, toda a ‘magnificência da graça’, daquela graça com que ‘o Pai... nos abençoou em seu amado Filho’”.<sup>38</sup> É esta uma afirmação de João Paulo II que tem uma profundidade extraordinária. Ele aí estabelece que todas as graças com as quais o Pai nos abençoou em Cristo (cf. *Ef* 1,3) estão resumidas nela, que é a *cheia de graça*. Com efeito, “a santidade original de Maria constitui o modelo insuperável do dom e da difusão da graça de Cristo no mundo”<sup>39</sup>.

Enquanto “filha primogênita” de Deus, ela é, ao mesmo tempo, a primeira dos filhos adotivos de Deus na qual a graça da adoção filial encontra sua perfeição escatológica. Sua assunção ao céu em corpo e alma “é o

---

<sup>35</sup> Homilia (8 de dezembro de 1978), 2: *ORP* (10 de dezembro de 1978), 1-2.

<sup>36</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1983), 5: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

<sup>37</sup> Cf. Homilia (23 de setembro de 2000), 4: *ORP* (30 de setembro de 2000), 6.

<sup>38</sup> *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>39</sup> Audiência (15 de maio de 1996), 4: *ORP* (18 de maio de 1996), 12.

início definitivo da glória que os filhos e as filhas desta terra devem alcançar em Deus mesmo, em virtude da redenção de Cristo<sup>740</sup>. Com efeito, somos filhos de Deus, e em Maria assunta ao céu já se manifestou o que havemos de ser quando seremos semelhantes a Deus (cf. *I Jo* 3,2).

Por conseguinte, o mistério da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria se complementam. À plenitude de graça desde o início de sua existência terrena, corresponde a plenitude de glória ao fim de sua peregrinação. Assim sendo, “os dois dogmas, da Imaculada Conceição e da Assunção, estão intimamente ligados entre si. Ambos proclamam a glória de Cristo Redentor e a santidade de Maria, cujo destino humano já está perfeita e definitivamente realizado em Deus.”<sup>741</sup> Aquilo que admiramos já realizado nela é a garantia de quanto Deus concede a toda criatura humana: plenitude de vida, alegria e paz.<sup>42</sup>

“A Virgem viu, como nenhuma outra criatura, brilhar sobre si o rosto do Pai, rico de graça e de misericórdia.”<sup>743</sup>

Ela, a Imaculada por graça, preservada pela Misericórdia Divina de qualquer mancha de pecado, é sinal seguro de esperança para todos os homens, necessitados de serem restabelecidos e justificados (cf. *Mt* 9,12-13).<sup>44</sup>

Realmente, “a Imaculada é o anúncio de um Deus misericordioso, que não se rende ao pecado de seus filhos”<sup>745</sup> – observa João Paulo II – pois “em Maria resplandece a surpreendente ternura de Deus pelo inteiro gênero humano. N’Ela a humanidade readquire a sua antiga beleza, e o desígnio divino se revela mais forte do que o mal, capaz de oferecer possibilidades sempre novas de vida e de salvação.”<sup>746</sup> Em Maria, “nada há que contraste com a beleza querida pelo Criador para o ser humano”, n’Ela, “o Criador conservou, incontaminada, a beleza original da Criação.”<sup>747</sup> “Assim como ela saiu das mãos do Criador, assim também permaneceu.”<sup>748</sup> Por isso, “em

---

<sup>40</sup> Homilia (15 de agosto de 1983), 5: *ORP* (21 de agosto de 1983), 6.

<sup>41</sup> Homilia (15 de agosto de 2004), 6: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>42</sup> Cf. Discurso (11 de fevereiro de 2004), 3: *ORP* (14 de fevereiro de 2004), 3.

<sup>43</sup> Angelus (8 de dezembro de 1998), 1: *ORP* (12 de dezembro de 1998), 1.

<sup>44</sup> Homilia (9 de junho de 1996), 1: *ORP* (15 de junho de 1996), 3.

<sup>45</sup> Angelus (8 de dezembro de 1993), 2: *ORP* (12 de dezembro de 1993), 8.

<sup>46</sup> Angelus (8 de dezembro de 1995), 1: *ORP* (16 de dezembro de 1995), 3.

<sup>47</sup> Oração (8 de dezembro de 1996), 1: *ORP* (14 de dezembro de 1996), 1.

<sup>48</sup> Angelus (8 de dezembro de 1989), 2: *ORP* (17 de dezembro de 1989), 4.

Maria, nova Eva, Mãe do novo Adão, o admirável e originário desígnio de amor do Pai é estabelecido de maneira ainda mais admirável”<sup>49</sup>.

“*Em Maria e por Maria, assim inverteu-se a situação da humanidade e do mundo, que de qualquer modo reentram no esplendor da manhã da Criação*”<sup>50</sup>. Santo Anselmo fala disso na Liturgia das Horas: “Deus é o Pai de toda criatura, e Maria é a Mãe das realidades recriadas. Deus é o Pai da constituição de todas as coisas, e Maria é a Mãe da reconstituição de todas as coisas.”<sup>51</sup> A Imaculada Conceição é, por este motivo, o primeiro sinal e, ao mesmo tempo, a proclamação da renovação de todas as coisas em Cristo. Com efeito,

Maria Imaculada, aquela que foi remida de modo privilegiado, é o sinal do início do projeto de Deus de fazer novas todas as coisas. É ela que manifesta, com a sua graça singular, a nova vida introduzida por Deus Pai nas profundezas mais íntimas do ser humano.<sup>52</sup>

Revela a salvação, aproxima a graça mesmo daqueles que parecem os mais indiferentes e mais afastados. No mundo, que ao mesmo tempo com o progresso, manifesta a sua “corrupção” e “envelhecimento”, Ela não deixa de ser “o princípio do mundo melhor” (*origo mundi melioris*), como se exprimiu Paulo VI.<sup>53</sup>

### “Cheia de Graça” (Lc 1,28)

Na Anunciação, o Anjo saudou Maria como “cheia de graça” (*kecharitoméne*). João Paulo II nota:

Não chama a sua interlocutora com o nome que lhe é próprio segundo o registro terreno: “Miryam” (= Maria); mas sim *com este nome novo*: “cheia de graça”. E o que significa este nome? Por que é que o Arcanjo chama desse modo à Virgem de Nazaré? <sup>54</sup>

“A qualificação *kecharitoméne* tem um significado muito denso, que o Espírito Santo jamais deixou de fazer com que fosse aprofundado pela

---

<sup>49</sup> Angelus (8 de dezembro de 2000), 1: *ORP* (16 de dezembro de 2000), 5.

<sup>50</sup> Audiência (17 de dezembro de 1986), 9: *ORP* (21 de dezembro de 1986), 16.

<sup>51</sup> S. ANSELMO, *Oratio* 52: PL 158, 956, citado por JOÃO PAULO II, Homilia (8 de dezembro de 1984), 5: *ORP* (16 de dezembro de 1984), 3.

<sup>52</sup> Homilia (2 de novembro de 1986), 9: *ORP* (9 de novembro de 1986), 3.

<sup>53</sup> Audiência (2 de maio de 1979), 3: *ORP* (6 de maio de 1979), 12.

<sup>54</sup> *Redemptoris Mater*, 8.

Igreja.”<sup>55</sup> Se quisermos entender satisfatoriamente as palavras dirigidas à Virgem Maria na Anunciação – “cheia de graça” (*Lc* 1,28) – é indispensável considerar a explanação paulina da expressão bíblica “graça”.<sup>56</sup> Tais palavras lhe foram dirigidas, tal como o indica a carta aos Efésios, a partir da eterna cogitação de Deus. Elas são a *expressão do eterno Amor*, a expressão da eleição “do alto dos céus em Cristo” (*Ef* 1,3).<sup>57</sup>

Estas palavras exprimem uma eleição singular. Graça significa uma plenitude particular da criação, por meio da qual, o ser que se parece com Deus, participa da mesma vida interior de Deus. *Graça quer dizer o amor e o dom do próprio Deus, o dom completamente livre* (“dado gratuitamente”) em que Deus confia ao homem o seu Mistério, dando-lhe ao mesmo tempo, a capacidade de poder testemunhar o Mistério de encher com ele o seu ser humano, a sua vida, os pensamentos, a vontade e o coração.<sup>58</sup>

Graça “brota do amor que, no Espírito Santo, une ao Pai o Filho consubstancial”<sup>59</sup>. Assim sendo, a saudação do Anjo – “cheia de graça” – que se diz no texto grego do Evangelho de Lucas como *kecharitoméne*, pode ser traduzida como “particularmente amada por Deus, toda penetrada por seu amor, consolidada completamente nele: como se fosse toda por Ele formada, pelo Amor santíssimo de Deus”<sup>60</sup>.

Na Constituição Apostólica *Ineffabilis Deus*, na qual Pio IX proclamou o dogma da Imaculada Conceição, se diz que *Lc* 1,28 (“cheia de graça”), se lida à luz da Tradição, é o texto bíblico que fornece a mais sólida base escriturística para esta verdade revelada.<sup>61</sup> Na verdade, o *kecharitoméne* indica uma realidade que já se deu, não um evento futuro. O texto bíblico utiliza a forma passiva do participípio, indicando que Maria, ao tempo da Anunciação, era já cheia de graça. Isso significa que Maria foi *transformada pela graça divina*. João Paulo II sugere que para se verter mais exatamente a nuance do termo grego *kécharitóménê*, “não se deveria portanto dizer simplesmente cheia de graça, mas sim que se tornou cheia de graça, o que indicaria de modo claro que se trata de um dom feito por

---

<sup>55</sup> Audiência (15 de maio de 1996), 1: *ORP* (18 de maio de 1996), 12.

<sup>56</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1994), 2: *ORP* (17 de dezembro de 1994), 2.

<sup>57</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1985), 2: *ORP* (15 de dezembro de 1985), 1.

<sup>58</sup> Angelus (8 de dezembro de 1978), 2: *ORP* (10 de dezembro de 1978), 1.

<sup>59</sup> *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>60</sup> Homilia (8 de dezembro de 1980), 1: *ORP* (21 de dezembro de 1980), 3.

<sup>61</sup> Cf. Ignace DE LA POTTERIE, *Mary in the Mystery of the Covenant*, Alba House, New York 1992, 19-20.

Deus à Virgem”<sup>62</sup>. Desde o momento inicial de sua existência, Maria foi inteiramente transformada pela graça de Deus. Assim, ela é, e sempre foi, “cheia de graça” (*kecharitoméne*). João Paulo II nota:

Podemos observar que a expressão soa como se ela constituísse o próprio nome de Maria, o “nome” que lhe foi dado pelo Pai desde a origem de sua existência. Desde a concepção, de fato, a sua alma é cumulada de todas as bênçãos, que lhe consentirão um caminho de santidade eminente ao longo de sua existência terrena.<sup>63</sup>

Procurando aprofundar o significado bíblico de “graça”<sup>64</sup>, João Paulo II chega a ver um eco significativo da expressão “cheia de graça” na passagem de *Ef* 1,6: “maravilhosa graça, que nos foi concedida por ele no Bem-amado” da qual Maria recebeu a plenitude.<sup>65</sup> De fato, o verbo *charitóô*<sup>66</sup> ocorre em apenas dois lugares no Novo Testamento: no texto da Anunciação (*Lc* 1,28) e na Carta aos Efésios, que fala de nossa eterna eleição em Cristo (o *echaritosen*, “graça gloriosa” de *Ef* 1,6). O Papa sustenta que a saudação “cheia da graça”, por esta razão,

refere-se em primeiro lugar à *eleição de Maria como Mãe do Filho de Deus*. [...] Se esta eleição é fundamental para a realização dos designios salvíficos de Deus, a respeito da humanidade, e se a escolha eterna em Cristo e a destinação para a dignidade de filhos adotivos se referem a todos os homens, então a eleição de Maria é absolutamente excepcional e única.<sup>67</sup>

---

<sup>62</sup> Audiência (8 de maio de 1996), 2: *ORP* (11 de maio de 1996), 12.

<sup>63</sup> Audiência (5 de janeiro de 2000), 3: *ORP* (8 de janeiro de 2000), 8.

<sup>64</sup> Em *Redemptoris Mater*, 8, João Paulo II explica que “na linguagem da Bíblia ‘graça’ significa um dom especial, que, segundo o Novo Testamento, tem a sua fonte na vida trinitária do próprio Deus, de Deus que é amor (cf. 1 Jo 4,8). É fruto deste amor a ‘eleição’ - aquela eleição de que fala a *Carta aos Efésios*. Da parte de Deus esta ‘escolha’ é a eterna vontade de salvar o homem, mediante a participação na sua própria vida divina (cf. 2 Pdr 1,4) em Cristo: é a salvação pela participação na vida sobrenatural. O efeito deste dom eterno, desta graça de eleição do homem por parte de Deus, é como que um *gêrmen de santidade*, ou como que uma nascente a jorrar na alma do homem, qual dom do próprio Deus que, mediante a graça, vivifica e santifica os eleitos.”

<sup>65</sup> Cf. *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>66</sup> “Os verbos em *óô* são causativos. Estes verbos, então, efetuam uma mudança de algo na pessoa afetada. Assim, o radical do verbo *charitóô* sendo *charis* (graça), a idéia que é expressa é aquela de uma mudança trazida pela graça. Por isso, *kecharitóménê* significa que Maria foi transformada pela graça de Deus.” Cf. I. DE LA POTTERIE, *Kécharitóménê em Luc 1,28, Bíblica* 69 (1987), 357-382, 480-508.

<sup>67</sup> *Redemptoris Mater*, 9.

Antes de qualquer outra criatura, Maria foi a *primeira a ser eleita* “no Bem Amado”. Assim sendo, ela é a imagem da eleição divina de toda criatura, uma escolha feita desde toda a eternidade, totalmente livre, misteriosa e amorosa:

No mistério de Cristo, Maria está *presente* já “antes da criação do mundo”, como aquela a quem o Pai “escolheu” *para Mãe* do seu Filho na Encarnação — e, conjuntamente ao Pai, escolheu-a também o Filho, confiando-a eternamente ao Espírito de santidade.<sup>68</sup>

Maria é a criatura na qual a Santíssima Trindade pode manifestar Seu amor de eleição. Ela é a obra-prima de Deus, porque Deus, ao escolhê-la, nela derramou a plenitude de Seu amor e vida, fazendo dela a “cheia de graça” (*kecharitoméne*):

O que distingue a Virgem de Nazaré de todas as outras criaturas é a plenitude de graça que se encontra nela. Maria não recebeu apenas *graças*; nela, tudo é dominado e dirigido pela *graça*, desde o início de sua existência. Ela não só foi preservada do pecado original, mas recebeu *uma perfeição admirável de santidade*. É a criatura ideal, como Deus a sonhou; uma criatura na qual nunca houve o mínimo obstáculo à vontade divina. Pelo fato de estar inteiramente penetrada pela graça, no interior de sua alma tudo é harmonia, e a beleza do ser divino nela reflete-se da maneira mais comovente.<sup>69</sup>

“*Recebestes de graça, dai de graça*” (Mt 10,8). O convite de Jesus leva-nos a considerar que *a gratuidade constitui o modo de ser e de agir de Deus*. “Desta lógica divina é sinal singular a Virgem Maria: concebida sem mancha do pecado original, Nossa Senhora *resplandece pela graça divina*, que exalta n’Ela a *admirável iniciativa do Pai celeste*.”<sup>70</sup> Assim, a plenitude de graça em Maria é uma consequência de escolha divina gratuita. Antes de Maria poder ganhar qualquer mérito ou primar pela prática das virtudes, Deus a escolheu porque a amou de um modo todo singular. De fato,

tudo que lhe é concedido não provém de nenhum título de mérito, mas unicamente da livre e gratuita predileção divina [...] Maria é o puro fruto da benevolência de Deus, o Qual tomou de tal modo posse dela que a tornou, segundo o apelativo usado pelo Anjo, “cheia de graça”.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>69</sup> Audiência (7 de dezembro de 1983), 1: *ORP* (11 de dezembro de 1983), 12.

<sup>70</sup> Homilia (16 de junho de 1996), 4: *ORP* (22 de junho de 1996), 1.

<sup>71</sup> Audiência (8 de maio de 1996), 3-4: *ORP* (11 de maio de 1996), 12.

A Imaculada Conceição significa, assim, que, em Maria, “*tudo é mera graça* e não passa de graça (*‘sola gratia’*)”<sup>72</sup> e que ela é a primeira testemunha de que “toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima: descem do Pai das luzes” (*Tg 1,17*). Com nosso olhar espiritual posto em Maria Imaculada, podemos também proclamar a verdade a respeito de nós próprios, tão eloqüentemente expressa pelo Apóstolo: “Pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil” (*1Cor 15,10*).

#### **IV. A Imaculada: A primeira maravilha da ação salvífica de Cristo**

Por muitos séculos, os teólogos sondaram o privilégio concedido a Maria. A teologia latina firmou-se sobre dois pontos:

- todo homem está infectado pelo pecado original e carrega suas conseqüências,
- este pecado hereditário é remido pelos méritos de Cristo, Redentor do gênero humano.<sup>73</sup>

Santo Agostinho, que fortemente influenciou a ulterior reflexão teológica, ressalta que Maria era perfeitamente santa e não cometeu qualquer pecado pessoal: “A honra de Cristo proíbe a mínima hesitação quanto a este objeto: o pecado pessoal de Sua Mãe.”<sup>74</sup> Não obstante, ele não podia entender como a total isenção do pecado no instante da concepção podia se conciliar com a doutrina da universalidade do pecado original e da necessidade da redenção para todos os descendentes de Adão. Por volta de 1128, um monge de Cantuária, Eadmer, ao escrever o primeiro tratado sobre a Imaculada Conceição, propôs que Maria fora preservada de toda a mancha do pecado porque Deus explicitamente assim o quis. Pois Deus “era obviamente capaz de fazê-lo e assim o quis. Portanto, se o quis, Ele o fez” (*Tract. 10*).

---

<sup>72</sup> Carta (22 de maio de 1988), 3: *ORP* (5 de junho de 1988), 2.

<sup>73</sup> Cf. AA. VV., *Dictionary of Mary*, Catholic Book Publishing Co., New York 1985, 137.

<sup>74</sup> Santo AGOSTINHO, *De natura et gratia*, 42, citado em: S. TOMÁS DE AQUINO, *STh.* III, q. 27, a. 4.

### ***“Para Deus nada é impossível”! (Lc 1,37)***

João Paulo II menciona estas palavras do mensageiro celeste, não apenas referindo-as à concepção virginal do Filho de Deus, mas também à Imaculada Conceição de Maria. Desta forma, ele dá uma fundamentação bíblica à fórmula escolástica “*Potuit, decuit, ergo fecit!*” (“Era possível, oportuno, e assim o fez”) que já se encontra nos escritos de Eadmer:<sup>75</sup>

Se hoje a Igreja evoca estas palavras, é também necessário procurarmos nelas a resposta para a interrogação sobre o mistério da Imaculada Conceição. Dado que a onipotência do Eterno Pai e o infinito poder de amor que opera com a força do Espírito Santo fazem que o Filho de Deus se torne homem no seio da Virgem de Nazaré, então o mesmo poder, em consideração dos méritos do Redentor, preserva a Sua Mãe da culpa do pecado original.<sup>76</sup>

A despeito das intuições de Eadmer, os grandes teólogos do séc. XIII assumiram as dificuldades de Santo Agostinho, propondo o seguinte argumento: Redenção consiste em libertar alguém do estado de pecado. Se Maria não houvesse contraído o pecado original, não teria sido redimida por Cristo e, conseqüentemente, isso rebaixaria a universalidade da mediação de Cristo como Redentor da humanidade. Foi só com o Beato João Duns Scotus que se conseguiu a chave para resolver tais objeções sobre a doutrina da Imaculada Conceição de Maria. Ele introduziu na teologia o conceito de redenção mediante preservação.<sup>77</sup> De acordo com isso, Maria foi redimida de um modo ainda mais maravilhoso, não por ter sido liberta do pecado, mas dele sendo preservada. Explica o João Paulo II:

Maria, *mais que todos, experimentou a salvação*, a experimentou *de modo particular e excepcional*.<sup>78</sup> Vista na história e nas modalidades da Redenção, a Imaculada Conceição de Maria significa não só a primeira pessoa redimida, portanto a aurora da Redenção, mas também que, enquanto para todo o resto do gênero humano, redenção quer dizer libertação do pecado feito, para Maria, necessitada de redenção como todos os seres humanos, quer dizer *preservação do mesmo pecado original* desde o primeiro instante da sua vida em virtude dos méritos de Cristo, único e universal Redentor.<sup>79</sup>

---

<sup>75</sup> Cf. Ludwig OTT, *Manual de Teología Dogmática*, Barcelona 61969, 318.

<sup>76</sup> Homilia (8 de dezembro de 1981), 2: *ORP* (13 de dezembro de 1981), 1.

<sup>77</sup> Cf. Stefano CECCHIN, *L’Immacolata Concezione. Breve storia del dogma*, em: *Studi Mariologici* 5 (2003), 61-73.

<sup>78</sup> Homilia (8 de dezembro de 1980), 2: *ORP* (21 de dezembro de 1980), 3.

<sup>79</sup> Angelus (8 de dezembro de 1983), 2: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

### **“Onde aumentou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20)**

Estas palavras da carta aos Romanos referem-se sobretudo ao mistério da Imaculada Conceição. Nesse mistério, de fato, nós podemos contemplar *os mais excelentes frutos da divina misericórdia* numa criatura humana. Precisamente onde no coração de uma mulher – Eva – o pecado abundou, no coração de uma mulher – Maria – superabundou a graça. A graça que vêm à humanidade por Maria é muito mais abundante do que o estrago que vêm pelo pecado dos progenitores. Em Maria, como em nenhuma outra criatura se vê o triunfo da graça sobre o pecado.<sup>80</sup>

Nela, a redenção manifesta uma força salvífica preveniente e permanente.<sup>81</sup> Ela é – nas palavras de João Paulo II – “o mais ‘alto’ sucesso do mistério pascal..., o fruto mais excelente do germe de vida eterna que Deus, em Jesus Cristo, lançou no coração da humanidade necessitada de salvação depois do pecado de Adão”<sup>82</sup>. O modo especial em que Maria experimentou a redenção manifesta-se de modo singular na generosidade de Deus em relação ao gênero humano:

Cristo, que em cada homem é o autor da vida divina, ou seja, da Graça, mediante a redenção por Ele realizada, tinha que ser *especialmente generoso com Sua Mãe*. Devia remi-l’A, de modo particularmente superabundante, do pecado (“*copiosa apud Eum redemptio*”) – n’Ele é abundante a Redenção: SI 129,7). Esta generosidade do Filho para com a Mãe remonta ao primeiro momento da sua existência chama-se Imaculada Conceição.<sup>83</sup>

Em conseqüência, o dogma da Imaculada não obscurece, pelo contrário, contribui admiravelmente para melhor pôr em relevo os efeitos da graça redentora de Cristo na natureza humana.<sup>84</sup> Redenção não significa apenas libertação ou preservação do pecado (*graça salvífica*), mas a semente de santidade (*graça santificante*) plantada pelo Redentor nos corações humanos.<sup>85</sup> Com efeito, o fruto maduro da redenção é a santidade. Em

---

<sup>80</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1987), 1: *ORP* (13 de dezembro de 1987), 5.

<sup>81</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1993), 1: *ORP* (12 de dezembro de 1993), 8.

<sup>82</sup> Regina Coeli (17 de abril de 1983), 1: *ORP* (24 de abril de 1983), 2.

<sup>83</sup> Angelus (8 de dezembro de 1978), 2: *ORP* (10 de dezembro de 1978), 1.

<sup>84</sup> Cf. Audiência (5 de junho de 1996), 4: *ORP* (8 de junho de 1996), 12.

<sup>85</sup> Cf. *Redemptoris Mater*, 10: Em virtude da riqueza da graça do amado Filho e por motivo dos merecimentos redentores d’Aquele que haveria de tornar-se seu Filho, Maria foi *preservada da herança do pecado original*. Deste modo, logo desde o primeiro instante da sua concepção, ou seja, da sua existência, ela pertence a Cristo, participa da graça

Maria, o efeito da Redenção “manifestou-se com uma pureza total e uma florescência maravilhosa de santidade. A Imaculada é a primeira maravilha da redenção.”<sup>86</sup>

Maria é assim um *veículo excelente e único da redenção de Cristo*: é um canal privilegiadíssimo de sua graça, uma via de eleição por meio da qual a graça chega aos homens com uma abundância extraordinária e maravilhosa. Onde quer que esteja presente Maria, ali a graça é abundante, e ali acontece a cura do homem: cura no corpo e no espírito.<sup>87</sup>

Portanto, na medida em que vivemos em intimidade com Maria Santíssima encontraremos “no mistério da sua Imaculada Conceição *uma inexaurível fonte* de conversão, amadurecimento e santificação.”<sup>88</sup>

### **“Porei inimizade entre ti e a mulher” (Gn 3,15)**

A Tradição e o Magistério têm visto no assim chamado Proto-Evangelho (Gn 3,15), uma base bíblica para fundamentar a verdade da Imaculada Conceição de Maria: “*Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela; ela esmagará a tua cabeça e tu lhe morderás o calcanhar*” (Gn 3,15). Apesar de a versão latina: “*Ela esmagará a tua cabeça*”, não concordar com o texto hebraico, no qual não é a mulher, mas sua descendência que esmaga a cabeça da serpente, a figura da Imaculada Conceição esmagando a serpente, não pelo seu próprio poder, mas pela graça de seu Filho, é consistente com o sentido original da passagem, uma vez que o conceito bíblico estabelece uma profunda solidariedade entre a mulher e sua descendência.<sup>89</sup> De fato, “a vitória do Filho é a vitória de Maria, vitória da Imaculada Serva do Senhor”<sup>90</sup>. João Paulo II acrescenta:

O milagre da Imaculada Conceição é *a vitória do Cristo Redentor*. O pecado, como herança de Adão – o pecado original – é vencido no primeiro instante da concepção d’Aquele que foi escolhida para ser a Mãe do Redentor. Este milagre da Graça foi realizada pela “destra” e “pelo braço onipotente” d’Aquele que foi pregado na Cruz para a redenção dos pecados

---

salvífica e santificante e daquele amor que tem o seu início no “amado Filho”, no Filho do eterno Pai que, mediante a Encarnação, se tornou o seu próprio Filho.

<sup>86</sup> Audiência (7 de dezembro de 1983), 2: *ORP* (11 de dezembro de 1983), 12.

<sup>87</sup> Angelus (19 de julho de 1987), 2: *ORP* (26 de julho de 1987), 1.

<sup>88</sup> Alocução às Irmãs Servas de Maria Imaculada (6 de julho de 1999), 4: *ORP* (17 de julho de 1999), 7.

<sup>89</sup> Cf. Audiência (29 de maio de 1996), 1: *ORP* (1 de junho de 1996), 12.

<sup>90</sup> Oração (8 de dezembro de 2000), 2: *ORP* (9 de dezembro de 2000), 1.

da humanidade inteira. Aquela que foi eternamente escolhida para ser a sua Mãe, foi remida de modo privilegiado!<sup>91</sup>

Deste modo privilegiado de redenção da Mãe pelo seu Filho fala o dogma da Imaculada Conceição quando diz que a Bem aventurada Virgem Maria, “em previsão dos méritos de Cristo, Redentor do gênero humano, foi preservada de toda *mancha* do pecado original” (cf. *DS* 2803). O fato de Maria ser preservada do pecado original significa que ela nunca sofreu os seus desastrosos efeitos.

O pecado, como aponta João Paulo II, acarreta uma tríplice *alienação*: a alienação do pecador de Deus, de si mesmo e da comunidade.<sup>92</sup> Pecando contra Deus o homem, criado a imagem de Deus, peca contra sua própria dignidade e assim sofre as trágicas conseqüências da ruptura com seu Criador. No entanto, “Cristo, o Filho da Mulher, restabelece a graça da amizade com Deus. O homem pode sair do ‘esconderijo’ do pecado ‘para a luz’ da adoção divina”<sup>93</sup>. Com efeito, pela Imaculada Conceição o pecado é superado, e a amizade com Deus, restabelecida.

Em Maria realizou-se a reconciliação de Deus com a humanidade, mas de modo que Maria mesma não teve necessidade, pessoalmente, de ser reconciliada, porque sendo preservada do pecado original, ela sempre viveu em concórdia com Deus.<sup>94</sup>

Uma vez que Maria viveu desde o primeiro instante de sua existência em perfeita amizade com Deus, a inimizade entre o maligno e a mulher se expressa mais perfeitamente n’Ela. Esta inimizade não se refere apenas a Maria, mas acompanha a história da humanidade, tal como nos recorda o Concílio Vaticano II: a história, em sua realidade mais profunda é a cena de “uma luta árdua entre o poder das trevas, posto em marcha desde o princípio do mundo, e que continuará, como nos diz o Senhor, até ao último dia” (*Gaudium et Spes*, 37). Realmente,

“A inimizade”, anunciada no princípio, é confirmada no Apocalipse, o livro das realidades últimas da Igreja e do mundo, onde volta a aparecer o sinal de uma “mulher”, desta vez “vestida de sol” (*Apoc* 12,1). Maria, Mãe do Verbo Encarnado, está *colocada no próprio centro dessa “inimizade”*.<sup>95</sup>

---

<sup>91</sup> Angelus (8 de dezembro de 1984), 2: *ORP* (16 de dezembro de 1984), 1.

<sup>92</sup> Cf. Audiência (12 de novembro de 1986), 7: *ORP* (16 de novembro de 1986), 16.

<sup>93</sup> Homilia (8 de dezembro de 1990), 3: *ORP* (16 de dezembro de 1990), 6.

<sup>94</sup> Audiência (7 de dezembro de 1983), 2: *ORP* (11 de dezembro de 1983), 12.

<sup>95</sup> *Redemptoris Mater*, 11.

João Paulo II enfatiza que a inimizade entre a Mulher e a serpente aponta *em duas direções*:

- para sua Imaculada Conceição, a vitória completa, nela, da Graça divina sobre o pecado e Satanás, e
- para seu papel na obra da redenção, sua colaboração ativa na luta escatológica de seu Filho para destruir as forças do maligno:

Observamos, além disso, que a inimizade, posta por Deus entre a serpente e a mulher, se realiza em Maria de *modo duplo*. Aliada perfeita de Deus e inimiga do diabo, ela foi *subtraída completamente do domínio de satanás na concepção imaculada*, quando foi plasmada na graça pelo Espírito Santo e preservada de toda mancha do pecado. Além disso, associada à obra salvífica do Filho, Maria foi *plenamente envolvida na luta contra o espírito do mal*.<sup>96</sup>

Por esta razão, sua Imaculada Conceição não significa que ela foi posta à parte daqueles que receberam a marca do pecado original por herança de nossos primeiros pais. Ao contrário, significa a sua inserção no centro mesmo do combate espiritual, desta inimizade que, no curso da história humana contrapõe o “Príncipe das trevas” e “Pai da Mentira” à Mulher e à sua descendência.

Através das palavras do Livro do Gênesis, nós vemos a Imaculada em todo o realismo de sua eleição. Vemo-la *no momento culminante desta “inimizade” aos pés da Cruz de Cristo* no Calvário. Lá, precisamente, “ela te esmagará a cabeça e tu armarás traições ao seu calcanhar”.<sup>97</sup>

Uma vez que Maria esteve tão intimamente unida a seu Filho esmagando a cabeça da serpente, ela continua envolvida neste combate espiritual até o fim dos tempos, sustentando seus filhos em suas batalhas cotidianas para suplantar o mal e o pecado:

Devemos considerá-la como amparo seguro na luta contra as potências do mal, como luz fulgidíssima de verdade, como motivo invencível de esperança e de alegria. Maria fala-nos de uma vitória total sobre o mal, pela qual, ao colocarmo-nos no seu seguimento – e por isso no seguimento de Cristo – podemos esperar ser totalmente purificados do pecado e tornarmos, também nós, “santos” e “imaculados”.<sup>98</sup>

---

<sup>96</sup> Audiência (24 de janeiro de 1996), 4: *ORP* (27 de janeiro de 1996), 12.

<sup>97</sup> Homilia (8 de dezembro de 1985), 3: *ORP* (15 de dezembro de 1985), 3.

<sup>98</sup> Angelus (8 de dezembro de 1989), 2: *ORP* (17 de dezembro de 1989), 4.

**“É para que sejamos homens livres  
que Cristo nos libertou” (Gl 5,1)**

João Paulo II coloca Maria, enquanto pessoa humana, no centro da Redenção. Liberdade é essencial para que uma pessoa atinja sua perfeição e plenitude. Eis porque ele vê uma profunda conexão entre o fato dela ter sido concebida sem pecado e sua perfeita liberdade como criatura humana. Uma vez que a Imaculada Conceição indica liberdade quanto à herança pecaminosa, a saber, liberdade dos efeitos da desobediência do primeiro Adão, ela “é a única criatura perfeitamente livre”<sup>99</sup>.

Ele explica que Deus quis dar a vida em plenitude para a criatura humana (cf. Jo 10,10), condicionando, entretanto, esta sua iniciativa a uma resposta livre e amorosa. Infelizmente, o homem cortou tragicamente o diálogo vital com o Criador, antepondo ao sim de Deus, seu não, e assim mudando sua liberdade em Deus pela escravidão ao pecado e a Satanás. Enquanto o gênero humano foi gravemente envolvido nesse fechamento a Deus, somente Maria de Nazaré, concebida sem pecado, ficou completamente aberta ao desígnio divino, de tal maneira que Deus foi capaz de cumprir nela seus planos de misericórdia:

A Imaculada Conceição anuncia o harmonioso enlace entre o ‘sim’ de Deus e o “sim” que Maria pronunciará com abandono total, quando o anjo lhe trouxer o anúncio celeste (cf. Lc 1,38). Este seu “sim”, em nome da humanidade, abre de novo ao mundo as portas do Paraíso.<sup>100</sup>

Movida pelo Espírito Santo, Maria disse “sim” a Deus. No seu coração não havia sombra de egoísmo, traço algum do “*non serviam*” original. É completamente alheia à tentação original de tornar-se um “deus em oposição a Deus”.<sup>101</sup>

Foi precisamente esta liberdade que lhe possibilitou ir ao encontro do convite divino com uma resposta de perfeita liberdade e amor.

Nela há uma abertura total à força de Deus, que é amor. Ela é completamente transparente e límpida na sua fé: é a “Feliz porque acreditou”. Não há nela o impedimento do pecado, nem sequer do pecado original. O amor redentor do seu Filho abraçou-a e penetrou-a, já desde o primeiro momento da concepção por parte dos seus pais terrenos.<sup>102</sup>

---

<sup>99</sup> Homilia (15 de agosto de 2004), 7: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>100</sup> Mensagem (1 de dezembro de 2003), 2: *ORP* (13 de dezembro de 2003), 4.

<sup>101</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1994), 5: *ORP* (17 de dezembro de 1994), 2.

<sup>102</sup> Homilia (8 de dezembro de 1991), 3: *ORP* (15 de dezembro de 1991), 17.

Por isso, o “sim” de Maria foi tanto divino quanto humano: humano pela natureza e divino pela graça. É uma resposta dada *pela graça na graça*. O Espírito Santo, desde o primeiro instante de sua existência, derramou o amor divino em seu coração orientando todos os seus atos. Ele assegurou que a resposta humana de Maria, enquanto ato consciente de livre vontade, tenha sido uma resposta de amor perfeito, e assim se tenha tornado o modelo luminoso de como deveria ser a relação pessoal do homem para com Deus.<sup>103</sup> O “*fiat*” de Maria foi livre ainda que tenha sido suscitado por Deus. Ele é tão misterioso quanto é mesmo um mistério o ponto de encontro entre a graça e a liberdade. Com efeito, Deus não força nossa vontade, mas dá-nos seu amor. “Isto explica a entrega de Maria; ela se sente amada por Deus e é este amor que a impele a dar-se a Deus com todo o seu ser.”<sup>104</sup> Criatura plenamente livre, “*a cheia de graça* amou do modo como era amada: totalmente, sem reservas; conheceu o Senhor como Ele a conhecia desde o princípio”<sup>105</sup>.

Nos nossos tempos – observa João Paulo II –, algumas vezes julga-se, erroneamente, que a liberdade é fim para si mesma, que cada homem é livre na medida em que usa da liberdade como quer, e que para isto é necessário tender-se na vida dos indivíduos e das sociedades. Mas a liberdade, ao contrário, só é um grande dom quando dela sabemos usar conscientemente, para tudo aquilo que é o verdadeiro bem. Cristo ensina que o melhor uso da liberdade é a caridade, que se realiza no dom e no serviço. Foi para tal liberdade “que Cristo nos libertou” (*Gl* 5,1) e nos liberta sempre.<sup>106</sup>

Em suma, toda a verdade sobre a liberdade humana está indelevelmente inscrita no mistério da Redenção e refulge na criatura que era capaz de corresponder ao dom de Deus com plena liberdade amorosa, não manchada pelo pecado. Maria é assim o modelo da perfeita liberdade na resposta ao plano divino. Ela é o exemplo do que Deus pode fazer quando encontra uma criatura livre para acolher sua proposta. A todo homem, quaisquer que sejam as suas condições, a Imaculada recorda que Deus o ama de modo pessoal, só quer o seu bem e o segue constantemente com um desígnio de graça e de misericórdia, com o qual ele deve cooperar

---

<sup>103</sup> Cf. Audiência (18 de abril de 1990), 6: *ORP* (22 de abril de 1990), 8.

<sup>104</sup> Raniero CANTALAMESSA, *Maria, um espelho para a Igreja*, Editora Santuário, Aparecida 1992, 38.

<sup>105</sup> Homilia (9 de junho de 1996), 3: *ORP* (15 de junho de 1996), 3.

<sup>106</sup> Cf. *Redemptor hominis*, 21

responsavelmente.<sup>107</sup> Por isso, diz João Paulo II, a Virgem Imaculada possui uma mensagem para cada um:

Sede mulheres e homens livres! Contudo recordai-vos: a liberdade humana é uma liberdade marcada pelo pecado. Ela tem necessidade de ser libertada. Cristo é o seu libertador, “Ele que nos libertou para que sejamos verdadeiramente livres” (Gal 5,1). Defendei a vossa liberdade! Queridos amigos, para isso sabemos que podemos contar com Aquela que sem jamais ter cedido ao pecado, é a *única criatura perfeitamente livre*. É a Ela que vos confio. Caminhaí com Maria, ao longo do trajeto da realização da vossa humanidade!<sup>108</sup>

### **“Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1,38)**

Além de ser um privilégio sublime que exalta Maria entre todas as criaturas humanas e os próprios coros angélicos, a sua Conceição sem pecado foi eminente condição de graça para que toda a Sua pessoa, desde o primeiro instante, *na mais completa liberdade*, aquela com referência ao pecado original, se dispusesse ao serviço de Cristo e da sua obra redentora, em favor da inteira humanidade.<sup>109</sup>

Em conseqüência, o privilégio da Imaculada Conceição está intimamente relacionado ao plano salvífico de Deus, como salienta João Paulo II:

É necessário sobretudo observar que Maria foi criada Imaculada, a fim de poder melhor agir em nosso favor. A plenitude de graça permitiu-lhe realizar perfeitamente a sua missão de colaboração com a obra de salvação [...] foi pelos pecadores, ou seja, por todos nós, que recebeu uma graça especial. [...] O privilégio único da sua Imaculada Conceição põe-na ao serviço de todos.<sup>110</sup>

Quando Deus concede um privilégio a alguém, é sempre em benefício de todos. Maria entendia perfeitamente que “mais do que um *privilégio*, o dom único por ela recebido de Deus constitui um *dever*, que a empenha no serviço dos outros, na gratuidade que é própria do amor”<sup>111</sup>. Por isso,

ela nada deseja para si, mas só a glória de Deus e a salvação dos homens. O próprio privilégio de ser preservada do pecado original não constitui para ela um título de mérito, mas de *total serviço à missão redentora do Filho*.<sup>112</sup>

---

<sup>107</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1999), 2: *ORP* (11 de dezembro de 1999), 1.

<sup>108</sup> Homília (15 de agosto de 2004), 7: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>109</sup> Angelus (8 de dezembro de 1983), 1: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

<sup>110</sup> Audiência (7 de dezembro de 1983), 3: *ORP* (11 de dezembro de 1983), 12.

<sup>111</sup> Homília (15 de agosto de 2004), 3: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>112</sup> Angelus (8 de dezembro de 1997) 2: *ORP* (13 de dezembro de 1997), 1.

Com efeito, a Mãe de Jesus foi preservada do pecado, mas não do sofrimento. No seu Coração imaculado repercutiu-se, de modo único e incomparável, a dor do Filho para a salvação do mundo. Por isso, Maria – a Imaculada – permaneceu aos pés da Cruz:

Padecendo com Cristo... ela cooperou de modo singular na obra do Salvador com sua fé, esperança e ardente caridade, para restaurar nas almas a vida sobrenatural. Por esta razão, foi para nós Mãe na ordem da graça (*Lumen Gentium*, 61).<sup>113</sup>

João Paulo II enfatiza que

o prodígio da Imaculada Conceição recorda aos crentes uma verdade fundamental: só é possível obter a salvação participando docilmente no projeto do Pai, que quis redimir o mundo através da morte e da ressurreição do seu Filho unigênito.<sup>114</sup>

Logo, a salvação é um dom de Deus, um dom que deve ser aceito e correspondido para que dê frutos. Assim sendo, todos os cristãos são chamados a cooperar com a graça de Deus, como fez Maria. Isso nos leva a nos defrontar com a questão: *o que fizemos com a graça divina? Como temos aproveitado as graças que Deus nos concedeu?* Maria, que “procura fazer participar, de algum modo, todos os seus filhos terrenos da graça de que foi enriquecida”<sup>115</sup>, recorda-nos de nossa responsabilidade de “não receber a graça de Deus em vão” (2Cor 6,1), mas antes para fazê-la crescer e produzir frutos para o benefício de todos (cf. 1Cor 14,26).

## **V. Maria Imaculada: A Toda Santa modelada pelo Espírito Santo**

João Paulo II sublinha o caráter trinitário da Imaculada Conceição de Maria. Maria é a criatura perfeita que saiu imaculada das mãos do Criador. Redimida do modo mais perfeito, ela é a obra-prima da ação redentora de Cristo. Mas que parte tem o Espírito Santo na plenitude de graças de Maria?

Diz João Paulo II que “conjuntamente ao Pai, escolheu-a também o Filho, *confiando-a eternamente ao Espírito de santidade*, de modo a

---

<sup>113</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1985), 3: *ORP* (15 de dezembro de 1985), 3.

<sup>114</sup> Mensagem (1 de dezembro de 2003), 5: *ORP* (13 de dezembro de 2003), 4.

<sup>115</sup> Audiência (7 de dezembro de 1983), 3: *ORP* (11 de dezembro de 1983), 12.

torná-la Imaculada, toda Pura, Santíssima, a Cheia de Graça”<sup>116</sup>. O Espírito Santo, o vínculo de caridade entre o Pai e o Filho, é a Pessoa Divina pela qual Deus se doa à humanidade. No Espírito Santo, Deus se abre ao homem, *se torna Dom para a criatura*. Maria é cheia de graça, toda santa e imaculada porque Deus se doou a ela na máxima plenitude. Com efeito, a sua concepção imaculada constitui o “*ápice e plenitude do dom de Si* que Deus faz ao homem. E isto se realiza por obra do Espírito Santo”<sup>117</sup>.

### “O Espírito Santo virá sobre Ti” (Lc 1,35)

João Paulo II faz um paralelo entre a eterna geração do Filho, sua virginal concepção no seio de Maria e a Imaculada Conceição de Maria. Se a geração eterna do Filho pelo Pai baseia-se num indescritível amor entre duas Pessoas eternamente coexistentes, a geração do Filho em sua humanidade ocorre mediante o poder do mesmo amor que é o Espírito Santo em Pessoa. E se a geração eterna do Filho na Anunciação por meio do poder do Espírito Santo é a causa e o modelo da regeneração do homem pelo batismo, então a Imaculada Conceição de Maria

representa a mais perfeita realização da ação gratuita do Espírito Santo que a plasma e a torna nova criatura, terra incontaminada, templo do Espírito, desde o primeiro instante. [Assim sendo] na concepção de Maria o nascer de homem coincide com o renascer do Espírito, e a humanidade é de novo levada às origens da criação.<sup>118</sup>

Por isso, Maria idealmente incorpora e leva à plenitude a santidade do povo de Deus. Ela é “primícia e mãe da Igreja dos santos: de todos os que, gerados pelo Espírito e vivos em Cristo, são filhos do Pai”<sup>119</sup>.

“*O Espírito Santo virá sobre ti*” (Lc 1,35). Estas palavras do anjo referindo-se à concepção virginal do Filho de Deus, recordam, num certo sentido, também a descida do Espírito Santo sobre Maria no momento da sua concepção:

Em Maria, o Espírito Santo desce e opera – cronologicamente falando – ainda antes da Encarnação, isto é, desde o momento de sua Imaculada Conceição. Mas isto acontece em ordem a Cristo, seu Filho, no âmbito supertemporal do mistério da Encarnação. A concepção imaculada constitui

---

<sup>116</sup> Cf. *Redemptoris Mater*, 8.

<sup>117</sup> Audiência (18 de abril de 1990), 4: *ORP* (22 de abril de 1990), 8.

<sup>118</sup> Angelus (8 de dezembro de 1983), 2: *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

<sup>119</sup> Angelus (1 de novembro de 1983): *ORP* (6 de novembro de 1983), 2.

para ela, antecipadamente, a participação dos benefícios da Encarnação e da Redenção, como ápice e plenitude do dom de Si que Deus faz ao homem. E isto realiza-se por obra do Espírito Santo.<sup>120</sup>

Como cabe ao Espírito Santo, amor incriado, consubstancial ao Pai e ao Filho, cumprir o mistério do nascimento humano do Filho de Deus, porque somente por seu Poder, que é Amor, pode Ele nascer,<sup>121</sup> foi também pelo poder do Espírito Santo que Maria, “é por Deus gerada em toda a plenitude, no momento de sua concepção”<sup>122</sup>. “Livre do pecado original, ficou repleta, desde o primeiro momento da sua concepção, do Espírito Santo: ‘foi concebida cheia de graça’.”<sup>123</sup> “O Eterno Pai [a] confirmou, com a força do Espírito Santo”<sup>124</sup> fazendo-a a “primeira herdeira da santidade do próprio Filho”<sup>125</sup>.

“*O ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus*” (Lc 1,35). Como o Espírito ungiu a humanidade do Filho com uma única plenitude de santidade, de modo similar o Espírito Santo veio sobre a Virgem Maria (Cf. Lc 1,35) santificando-a de maneira singular. Deste modo, há uma profunda comunhão entre a santidade de Cristo e a de sua Mãe.<sup>126</sup> “Ninguém é mais semelhante a Ele, não só com semelhança natural da Mãe com o Filho, mas com a semelhança do Espírito e da santidade.”<sup>127</sup> Os Padres da Igreja Oriental não vêem somente a Cristo, o “Santo”, mas também Maria “Toda Santa” (*Panhagia*)<sup>128</sup> como uma transparência do Espírito Santo, o “Todo Santo” (*Panhágios*). Sua “inteiramente única santidade” (*Lumen Gentium*, 56) origina-se na perfeita santidade do Espírito Santo que a moldou e formou como uma nova criatura. O Catecismo da Igreja

---

<sup>120</sup> Audiência (18 de abril de 1990), 4: *ORP* (22 de abril de 1990), 8.

<sup>121</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1988), 4: *ORP* (18 de dezembro de 1988), 4.

<sup>122</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1984), 3: *ORP* (16 de dezembro de 1984), 1.

<sup>123</sup> Angelus (8 de dezembro de 1981), 2: *ORP* (13 de dezembro de 1981), 9.

<sup>124</sup> Angelus (8 de dezembro de 1981), 3: *ORP* (13 de dezembro de 1981), 9.

<sup>125</sup> Homilia (8 de dezembro de 1978), 3: *ORP* (10 de dezembro de 1978), 2.

<sup>126</sup> João Paulo II nota que a santidade de Cristo e a de Maria possuem, entretanto, uma diferença substancial com respeito à sua fonte: “Cristo é santo em virtude da graça que, em sua humanidade, deriva da pessoa divina; Maria é santíssima em virtude da graça recebida pelos méritos do Salvador.” (Audiência, 29 de maio de 1996: *ORP* [5 de junho de 1996], 11).

<sup>127</sup> Homilia (8 de dezembro de 1980), 4: *ORP* (21 de dezembro de 1980), 3.

<sup>128</sup> Cf. PAREDES, Jose Cristo Rey Garcia, *La Panhagia*, em: *Ephemerides Mariologicae* 44 (1994), 223-240.

Católica chama Maria repetidamente de “Toda Santa”, discernindo aí sua proximidade do Espírito Santo, autor da santidade.<sup>129</sup>

O Bem Aventurado Pio IX estabeleceu, na Carta Apostólica *Ineffabilis Deus* que Maria possui “uma tal plenitude de inocência e de santidade que, depois de Deus, de modo nenhum se pode conceber maior”<sup>130</sup>. Com efeito, a sua é a primeira e a maior realização de santidade na Igreja, por meio do poder do Espírito Santo Santificador.

No dia de Pentecostes, esta santidade eclesial refulgiu não apenas em Maria, mas também nos Apóstolos e nos discípulos, que “*ficaram cheios do Espírito Santo*” (At 2,4). João Paulo II assim refere as palavras do Anjo “*o Espírito Santo virá sobre ti*” (Lc 1,35) também à descida do Espírito Santo em Pentecostes:

À luz destas palavras [...] não nos aparece a Mãe de Deus como modelo e figura da Igreja? Efetivamente também a Igreja nasceu na história da humanidade mediante a vinda do Espírito Santo! Nasceu no dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos, reunidos no Cenáculo com Maria Santíssima.<sup>131</sup>

A Igreja olha, portanto, para Maria como seu “modelo e figura” no Espírito Santo. É esta dimensão eclesial, proclamada pelo Concílio Vaticano II, que é o itinerário que nos permite ler e entender em toda sua dimensão e profundidade o mistério de Maria:

Considerada nesta dimensão, também a Imaculada Conceição da Mãe de Deus e mãe nossa adquire o significado mais rico e eclesial. Com Ela, obra-prima de Deus Pai e réverbero puríssimo da graça do Espírito Santo, tem início a Igreja de Cristo. *Em Maria contemplamos a Imaculada Conceição da Igreja*, que é templo e esposa sem mancha nem ruga. *É nela que a Igreja sente ter conseguido a sua mais alta perfeição*, sem sombra de pecado; e é n’Ela como protótipo, sinal, auxílio, que a comunidade eclesial, ainda peregrina na terra, se inspira, esforçando-se por progredir na santidade e na luta contra o pecado.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 493, 721, 829, 2677.

<sup>130</sup> Beato Pio IX, *Ineffabilis Deus* (8 de dezembro de 1854), cf. o texto em latim: “*innocentiae et sanctitatis plenitudinem prae se ferret, qua maior sub Deo nullatenus intellegitur*”, em: H. DENZINGER - P. HÜNERMANN (eds.), *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e de moral*, Paulinas - Loyola, São Paulo 2007, n. 2800.

<sup>131</sup> Homilia (8 de dezembro de 1985), 1: *ORP* (15 de dezembro de 1985), 1.

<sup>132</sup> Angelus (11 de dezembro de 1983): *ORP* (18 de dezembro de 1983), 3.

Inspirando-se no Concílio Vaticano II, que trouxe “uma grande síntese entre Mariologia e Eclesiologia”<sup>133</sup>, João Paulo II dá-se conta de que a renovação da Igreja em santidade não pode ser alcançada senão tendo em vista a Santíssima Virgem, em quem ela já alcançou a perfeição, em quem ela é “*toda gloriosa sem mancha nem ruga, sem qualquer outro defeito, toda santa e imaculada*” (Ef 5,27)<sup>134</sup>. Maria é, de fato, a figura e modelo da Igreja. Ela reflete e antecipa-a na sua pessoa e permanece sempre a sua estrela de salvação.

Se a Igreja olha para a Virgem como para sua “figura”, fá-lo porque n’Ela em primeiro lugar foram realizadas pelo Espírito Santo aquelas “maravilhas de Deus”, que, desde o dia de Pentecostes, se tornaram a parte da Igreja: da sua consciência e da sua missão mediante a fé.<sup>135</sup>

Em Maria, a Imaculada, a Igreja vê sua essência de modo não deformado. Ninguém é mais Igreja do que a Virgem Imaculada. No começo do terceiro milênio da era cristã, ela aspira ardentemente por uma só coisa:

ser a mesma Igreja que nasceu do Espírito Santo, quando os Apóstolos se entregavam assiduamente à oração, em companhia de Maria no Cenáculo de Jerusalém (cf. At 1,14). Com efeito, desde o princípio eles tiveram no seio da sua comunidade Aquela que é a “Imaculada Conceição”.<sup>136</sup>

Maria é o modelo de santidade para o qual a Igreja olha, a fim de tornar-se cada vez mais uma comunidade de santos. Ela é “ícone da Igreja, símbolo e antecipação da humanidade transfigurada pela graça, modelo e esperança segura para todos aqueles que dirigem os seus passos para a Jerusalém do Céu”<sup>137</sup>. Contemplando a Virgem Imaculada, a Igreja redescobre a si mesma como obra divina, chamada a cumprir, em meio às ambigüidades e tentações do mundo, sua vocação sublime de “Esposa de Cristo, sem mancha nem ruga, resplandecente de beleza” (*Prefácio da Imaculada*).<sup>138</sup> Portanto,

a Igreja é hoje chamada a fazer transparecer o Rosto do seu Esposo com *uma santidade mais refulgente*. Neste esforço, não fácil, ela sabe que é ajudada por Maria. Dela aprende a ser “virgem”, totalmente dedicada ao

---

<sup>133</sup> Discurso (22 de dezembro de 1987), 2: *ORP* (3 de janeiro de 1987), 4.

<sup>134</sup> Cf. *Novo Milênio Ineunte*, 30-31.

<sup>135</sup> Homília (22 de maio de 1988), 8: *ORP* (29 de maio de 1988), 2.

<sup>136</sup> Homília (8 de dezembro de 1985), 8: *ORP* (15 de dezembro de 1985), 3.

<sup>137</sup> *Orientalium Lumen*, 6.

<sup>138</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1995), 2: *ORP* (16 de dezembro de 1995), 3.

seu Esposo, Jesus Cristo, e “mãe” de muitos filhos que gera para a vida imortal.<sup>139</sup>

Desta forma, João Paulo II propõe Maria Imaculada como modelo de perfeição cristã, guia seguro em nossa peregrinação até a pátria celestial:

Maria é um *modelo inexaurível de perfeição*: por mais que nos esforcemos por imitá-la, Ela tem sempre algo a ensinar-nos; a sua santidade e pureza transcendem absolutamente todos os demais do gênero humano, que traz as conseqüências do pecado e delas deve libertar-se mediante um caminho de conversão e de penitência. [...] Maria certamente não teve que corrigir – como nós devemos fazer – as inclinações ao mal [...] ao contrário, ela mostra-nos o caminho para passarmos *do bem ao melhor*, para superarmos provas e tentações e para progredirmos na perfeição. Maria nos ensina como progredir na fé, na esperança e na caridade.<sup>140</sup>

A Virgem Maria aparece como um modelo ao longo do nosso caminho. Não se trata de um caminho fácil: em virtude da culpa de seus pais primitivos, a humanidade traz em si a ferida do pecado, cujas conseqüências ainda continuam a fazer-se sentir nas pessoas remidas. Mas o mal e a morte não terão a última palavra! Maria o confirma através de toda a sua existência, sendo testemunha viva da vitória de Cristo, nossa Páscoa.<sup>141</sup>

### *Tu és bela, ó Maria*

Quando João Paulo II reflete sobre o mistério da Imaculada, deleita-se em contemplar a incomparável beleza de Maria: “*Tu és bela, ó Maria; em ti não há traço do pecado original!*” Nas palavras do Arcanjo Gabriel, “Ave, cheia de graça!”, é chamada pelo nome a maior beleza espiritual que tem início no próprio Deus.<sup>142</sup>

O mistério de graça e de beleza que envolve a Virgem Mãe tem origem na ternura de Deus, que a preservou, desde o primeiro instante da sua existência, do pecado original e das suas conseqüências, preparando-a para que se tornasse a digna Mãe do seu Filho. Deste modo, o Senhor pôs Maria acima de todas as outras criaturas, tornando-a cheia de graça, espelho admirável da sua santidade.<sup>143</sup>

---

<sup>139</sup> Mensagem (12 de janeiro de 2003), 5: *ORP* (1 de março de 2003), 9.

<sup>140</sup> Discurso (11 de fevereiro de 1988), 2-3: *ORP* (6 de março de 1988), 6.

<sup>141</sup> Homilia (15 de agosto de 2004), 5: *ORP* (21 de agosto de 2004), 5.

<sup>142</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1979), 2: *ORP* (16 de dezembro de 1979), 6.

<sup>143</sup> Angelus (8 de dezembro de 1994), 1: *ORP* (17 de dezembro de 1994), 2.

A beleza de Maria é inteiramente apenas conhecida por Deus, mas ao mesmo tempo tem um apelo eloqüente para o homem. Citando o poeta polonês, Cyprian Norwid, que escreveu que “a forma do amor é a beleza...” (*Promethidion, Bogumil*), João Paulo II crê que

a beleza, encarnação do amor, é fonte de um poderosíssimo encorajamento ao trabalho, ao esforço e às lutas criativas para uma melhor forma de vida humana; é um estímulo à superação das forças de morte e à contínua ressurreição. Porque o amor, a beleza e a vida estão intimamente ligados entre si.<sup>144</sup>

De fato, o homem é sensível à beleza, não só à beleza física, percebida pelos sentidos, mas também à beleza do espírito. A redescoberta da beleza espiritual de Maria mobiliza no homem novas energias e novas razões para viver, trabalhar e combater o mal e o pecado, e para erguer-se de novo a cada dia.

Na sua beleza humana e espiritual devem espelhar-se os nossos olhos, com freqüência ofendidos e tornados cegos pelas imagens profanas do ambiente, pelo qual somos circundados e quase agredidos. Se nós tivermos os olhos fixos em Maria, a bem-aventurada entre as mulheres, poderemos recompor em nós a linha e a estrutura da nova criatura, remida pelo seu Filho.<sup>145</sup>

Pois Maria “é a imaculada sensibilidade do coração humano a tudo que é de Deus – o que é verdadeiro, bom e belo. Tudo o que em Deus tem a sua fonte e o seu cumprimento”<sup>146</sup>.

Em Maria, a humanidade recobra sua primitiva beleza, e o plano divino se mostra mais forte do que o mal, capaz de oferecer novas possibilidades de vida e salvação. O mundo, por mais maculado que seja, é iluminado pela beleza da graça que triunfou completamente na Mãe do Redentor. Com efeito, a sublime beleza da Imaculada, reflexo da de Cristo, é penhor para todos nós da vitória da Graça divina sobre o pecado e a morte.<sup>147</sup> Embora esta beleza não esteja completada em nós, contudo ela *se realiza na medida em que a graça domina sobre o pecado*. A alma cheia de graça de Maria é a imagem perfeita de que se realiza em nós, de maneira menos perfeita, mas bem real, quando a vida divina nos anima, com a sua misteriosa beleza.

---

<sup>144</sup> Alocução (8 de dezembro de 1996), 2: *ORP* (14 de dezembro de 1996), 1.

<sup>145</sup> Audiência (30 de dezembro de 1987), 2: *ORP* (3 de janeiro de 1988), 8.

<sup>146</sup> Angelus (8 de dezembro de 1992), 3: *ORP* (13 de dezembro de 1992), 3.

<sup>147</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 2004), 1: *ORP* (11 de dezembro de 2004), 12.

Quão grandes horizontes abrem-se pelo mistério da Imaculada Conceição:

- Às mulheres do nosso tempo, que procuram, de modo por vezes sofrido, a sua dignidade autêntica, a “Toda Bela” mostra as grandes possibilidades de que é portador o gênero feminino, quando é penetrado pela graça.
- Aos pequeninos e aos jovens, que olham com trepidante confiança para o futuro, Ela recorda que o Senhor não decepciona as profundas expectativas da pessoa e vem ao encontro de quantos desejam construir um mundo mais fraterno e solidário.
- A quem está imerso no pecado, mas sente a nostalgia do bem, a Imaculada indica possibilidades concretas de resgate, na busca sincera da verdade e no confiante abandono nas mãos do Senhor.
- Aos que sofrem no corpo e no espírito, assim como aos humilhados da história, a Virgem anuncia o Deus da vida, que convida os seus filhos à alegria e à liberdade, não obstante as pesadas conseqüências do pecado que deturpam o mundo.<sup>148</sup>

Assim, todos somos encorajados a elevar nossos corações a Maria, que nos recorda com maternal afeto, da vontade de Deus, que nos chama a cumprir seu plano original de santidade, não obstante as dificuldades causadas pelo pecado original:

A solenidade da Imaculada Conceição incida profundamente em nossa alma, fascinando-nos com seu admirável esplendor, como aconteceu a São Maximiliano Kolbe, o “Cavaleiro da Imaculada”, que a 12 de maio de 1941, de Varsóvia, já prisioneiro e de partida para Auschwitz, escrevia nestes termos aos co-irmãos de Niepokalanow: “deixemo-nos conduzir cada vez mais perfeitamente pela Imaculada, aonde e como Ela nos quiser colocar, a fim de que cumprindo bem os nossos deveres, contribuamos para fazer com que todas as almas sejam conquistadas para o seu amor.”<sup>149</sup>

## VI. Conclusão

A gratuidade constitui o modo de ser e de agir de Deus. A Imaculada Conceição de Maria é o mais luminoso sinal do amor generoso de Deus ao longo da história. Enquanto *cheia de graça*, ela se encontra *unida de modo único à Santíssima Trindade*, imbuída da vida mesma de Deus, com seu profundo e inefável mistério desde o primeiro instante de sua concepção:

---

<sup>148</sup> Oração (8 de dezembro de 1995), 2: *ORP* (16 de dezembro de 1995), 3.

<sup>149</sup> Angelus (8 de dezembro de 1988), 3: *ORP* (11 de dezembro de 1988), 11.

- Eleita desde toda a eternidade em Cristo, ela foi primeiramente concebida no coração do *Pai* como criatura perfeita, totalmente plasmada pelo amor de Deus para ser a Mãe de Deus.
- Por obra do Filho eterno que se fez Homem, a ordem da *criação* foi ligada para sempre à da *redenção*, isto é, da *graça*.<sup>150</sup> Nossa Senhora, preservada totalmente da escravidão do mal e tornada objeto de especial predileção divina, antecipa na sua vida o caminho dos remidos, povo salvo por Cristo.<sup>151</sup> Maria é “primícia da humanidade redimida por Cristo”<sup>152</sup>, a obra-prima do seu ato salvífico.<sup>153</sup>
- Modelada pelo Espírito Santo e tornada nova criatura, Maria é “Toda bela” e “Toda Santa”. A sua condição de “*cheia de graça*”, que para ela é *ponto de partida, para nós é a meta*. Pois, como diz São Paulo, também nós fomos criados para ser santos e imaculados perante Deus (cf. *Ef* 1,4).<sup>154</sup>

O mistério da Imaculada Conceição de Maria significa que tudo é graça desde o primeiro instante de sua existência e que ela corresponde ao dom de Deus com plena liberdade de amor, não maculada pelo pecado. Uma vez que a graça divina é, simultaneamente, dom e dever, é preciso nossa cooperação a exemplo de Maria, que cooperou perfeitamente com o plano salvífico de Deus. Nela vemos as grandes coisas que Deus realiza quando nos dispomos para fazer Sua vontade. Ela é um sinal maravilhoso de vitória da vida sobre a morte, do amor sobre o pecado, do poder da graça de Deus sobre a fraqueza humana.<sup>155</sup>

Por meio de suas fecundas reflexões sobre o mistério da Imaculada Conceição, o Servo de Deus, João Paulo II, nos ajuda a penetrar mais profundamente neste mistério. Pois ele não apenas o relaciona às verdades fundamentais de nossa fé, mas o aplica às nossas vidas cotidianas. Maria Imaculada, criatura repleta do amor de Deus, toda divinizada, toda bela, toda santa, é nossa querida Mãe que reza por nós, que nos defende do mal, mas que também nos inspira e estimula a viver nossa vocação

---

<sup>150</sup> Cf. Homilia (8 de dezembro de 1998), 1: *ORP* (12 de dezembro de 1998), 2.

<sup>151</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1998), 1: *ORP* (12 de dezembro de 1998), 1.

<sup>152</sup> Oração (8 de dezembro de 2003), 2: *ORP* (13 de dezembro de 2003), 1.

<sup>153</sup> Cf. Angelus (8 de dezembro de 1999), 1: *ORP* (11 de dezembro de 1999), 1.

<sup>154</sup> Cf. *ibidem*.

<sup>155</sup> Cf. Discurso (11 de fevereiro de 2004), 3: *ORP* (14 de fevereiro de 2004), 3.

cristã a sermos “santos e imaculados” (cf. *Ef* 1,4). Sejamos, portanto, confiantes, pois:

A Imaculada é o sinal da fidelidade de Deus que não desiste diante do pecado do homem. A sua plenitude de graça recorda-nos também as imensas possibilidades de bem, de beleza, de grandeza e de alegria que estão ao alcance do homem, quando se deixa guiar pela vontade de Deus, rejeitando o pecado. Na luz d’Aquela que Deus nos dá como “advogada de graça e modelo de santidade”, aprendamos a evitar sempre o pecado. Rezemos à Virgem para que nos dê a alegria de viver sob o seu olhar materno, em pureza e santidade de vida.<sup>156</sup>

## VII. Oração

Nós nos dirigimos a Vós,  
Virgem Santa Imaculada.  
Em Vós tem início  
o mistério da Redenção  
que nos livra da morte,  
Porque a herança do pecado  
não Vos atingiu.  
Vós sois cheia de graça,  
e em Vós abre-se para nós  
o Reino de Deus,  
o novo futuro do homem,  
que pode, na fé, contemplar em Vós  
a obra da sua renovação  
e o fundamento da sua esperança de imortalidade.  
Trazei a nós, na vossa pureza,  
o Filho de Deus, a “luz que veio ao mundo”,  
e conduzi todos nós  
pelos caminhos de santidade,  
para que possamos encontrar Cristo,  
agora e para sempre. Amém.<sup>157</sup>

Fidelis Stöckl ORC

---

<sup>156</sup> Angelus (8 de dezembro de 1994), 2: *ORP* (17 de dezembro de 1994), 2.

<sup>157</sup> Homilia (2 de novembro de 1986), 8: *ORP* (9 de novembro de 1986), 3.

## Índice

I. Introdução.....	233
II. O dogma da Imaculada Conceição: Uma maravilhosa síntese doutrinal da Fé cristã .....	235
III. Filha predileta de Deus Pai: A “origem” da Imaculada no Coração do Pai .....	237
“Abençoados em Cristo com toda bênção espiritual” ( <i>Ef</i> 1,3) ..	238
“Cheia de Graça” ( <i>Lc</i> 1,28) .....	241
IV. A Imaculada: A primeira maravilha da ação salvífica de Cristo... 245 “Para Deus nada é impossível”! ( <i>Lc</i> 1,37).....	246
“Onde aumentou o pecado, superabundou a graça” ( <i>Rm</i> 5,20) ..	247
“Porei inimizade entre ti e a mulher” ( <i>Gn</i> 3,15).....	248
“É para que sejamos homens livres que Cristo nos libertou” ( <i>Gl</i> 5,1).....	251
“Eis aqui a serva do Senhor” ( <i>Lc</i> 1,38).....	253
V. Maria Imaculada: A Toda Santa modelada pelo Espírito Santo ....	254
“O Espírito Santo virá sobre Ti” ( <i>Lc</i> 1,35) .....	255
Tu és bela, ó Maria .....	259
VI. Conclusão .....	261
VII. Oração .....	263